



## ***a-voz angustiante: impasses em uma análise.***

Tatiana Assadi

Uma rouquidão invadiu meu telefone em uma mensagem de voz inaudível. Palavras cuspidas me fizeram forçar meus ouvidos num ensaio compreensivo do que se instalava no dito. Sucedida de outras mensagens me chamou a atenção a pluralidade de entonações, tonalizações e modulações expressas por aquela que me procurava. Assim se sucedeu após desencontros temporais quando Mia, finalmente, se trouxe para a análise.

Foi preciso calar, inclusive, o estridente do ar-condicionado para que os sopros por ela bafejados atingissem minha auscultação. A voz trêmula, a rouquidão taciturna e as palavras entrecortadas fizeram coro com o corpo franzino, apático e ofegante.

*“Sinto em mim um rasgo na carne”*, foi deste modo que esta jovem adulta se apresentou depois de um percurso de mais de dez anos de psicoterapias e medicações psiquiátricas. Riscada por transtornos ditos obsessivos na infância- TOC, por crises de pânico na adolescência, adentrou a adultez com uma depressão tracejada pela anorexia que a acompanha *“desde o nascimento”*.

A magreza cadavérica fere os olhares enquanto os ouvidos recebem uma adiposidade de desqualificações de sua sobre-vida e tentativas de suicídio.



Aninhada em si, Mia se recusa aos passos distantes do seu ninho, diversos do recanto e da familiaridade. Os raros gestos abrandativos perante sua dor são pinceladas e bordamentos que compõe seu romance diário.

Descolada da fenomenologia apresentada por Mia topei escutar suas perturbações para que sua queixa se transformasse em enigma e uma análise pudesse operar. Até o momento de sua chegada ela acreditava haver algo cerebral causador da angústia, um defeito incorrigível que a impedia de viver.

Lacan nos ensinou que o que recebemos do outro surge pela forma vocal, embora a voz não se ligue diretamente a vocalização. No entanto, o ouvido, participante dessa voz, como um caracol ressoa ele mesmo, ...*“como um cano que seria, posso dizer, um cano com teclas...”* (Lacan: 1962/63:316).

Tem-se um passo para pensar o que denotaria a voz, um dos objetos inseridos por Lacan na gramática pulsional. A voz é capturada como produtora de um vazio oriundo de um cano com teclas, produzindo uma ressonância, como um sopro vibrante. Ou seja, um lugar onde o... *(objeto) “a do qual se trata funciona numa real função de mediação”*. (idem:317)

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚSTIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

*“A voz não faz ressoar um vazio”, ela ...”ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal”, deste modo, “devemos incorporar a voz do que se diz.” ( ibidem:317)*

A voz áfona embora não esteja no registro sonoro não a descartamos da antinomia do sentido e temos dela notícias pelas modalidades da entonação, como um resíduo. In-substancializada aponta para uma matéria que se esvazia, uma função lógica onde algo do corpo cai sob a forma de dejetos.

Mas, então, o que os cuspes das palavras e das sonoridades tem que ver com angústia neste caso clínico? A voz como uma das quatro substâncias episódicas(1973:314) aponta para o objeto singular. Em seu duplo canto no seminário da Angústia, Lacan traçará uma precisão entre o objeto caído e o objeto cedido. O primeiro sustentando sua singularidade possibilita a circulação pulsional enquanto o segundo, da separação, toca a falta no corpo e autoriza a constituição do sujeito. Mia se representa por seu objeto não cedido, ou, ao menos, o tampona. Surge ela como um resíduo das vocalizes em que os sopros de palavras são suas performances rotineiras (a-fonia) e, simultaneamente, sua ausência de ingestão alimentar a paralisa em sua fixidez (a-norexia). Mia não come nada, assim como, não fala nada. Mia, inclusive, é um nome ficcional que endereça ao miado dos felinos como um som indecifrável e distinto do ronronar; assim como ao Mia, codinome de um dos transtornos considerados



alimentares, buli-Mia, sintoma apresentado, posteriormente, aos episódios anoréxicos. Insiro, ainda, a forma como se refere a genitora: “*mãe minha*”, que apressadamente, se transforma em “*ma-mia*”.

Em uma das sessões repete ininterruptamente: “*o que tem a voz? Por que não sai a voz? O que acontece com essa voz? Onde está a voz?*”

A voz, há voz, avós, há vó<sup>1</sup>... a partir disso que a analista escuta advêm a intervenção: “*quais avós?*”

Como em um reviramento uma série é incluída num lugar desconhecido: a avó materna uma louca, mulher sem corpo, sem voz que fora destituída e negligenciada pela mãe de Mia obstinada pela forma esbelta e esquálida, passa a ocupar a veste dos seus cenários. Enquanto isso a *ma-mia* é pronunciada pelo seu nome, o mesmo da analista, tendo sua presença como um objeto soprado aos ventos.

Mia deixa que uma parte dela se perca e passa a se reconhecer como artista.

A desmaterialização da voz como função da fala e da linguagem em seu deslizamento a retira da fixidez e a lança em uma outra posição. A interpretação produziu enigma onde a queixa se instalava.

O objeto voz surge demonstrando sua presença intervalar entre a função da fala e da linguagem. Aquilo

---

<sup>1</sup> Em português a voz e avós fazem homofonia. Desta forma opto por não traduzir estes significantes para outros idiomas, sustentando a sonoridade provocadora do enigma instalado neste caso clínico.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPICL  
MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

que Mia se agarrava, o nada, perde sua consistência e permite a instauração da falta, pela localização do sujeito e do desejo.

A angústia apresentada entre a a-norexia e a a-fonia que falhava o que não poderia falhar, recobrando a falta, a partir deste giro se desvela.

Mia larga um pedaço em sua insistência em se sentir como um *rasgo de carne* para que possa enfrentar o *furo no corpo*. Ou seja, fixada na a-fonia (substância episódica) e na a-norexia (falo), ao passar do mal-entendido da voz para sua identificação com a vó; ao nomear o que não podia ser dito, se desvencilha dos fenômenos para que acesse o enigma que aponta para seu lugar de mulher.

O nada recobria o desenho pulsional que contorna o objeto impedindo a demarcação do furo constitutivo.

Através da operação da linguagem de voz para *avó* ela cede e autoriza ao furo no corpo, afinal se a angústia é a falta da falta, não sem objeto, ao ser recoberta só lhe resta o estrangulamento do sujeito. Ao ser (des) obturada a falta pode se apresentar e a pulsão circular diante do vazio.

Liberando sua voz, como índice de outra coisa a utiliza para se dizer, ressoando num vazio do Outro como tal. Basta que se diga para que se depare com o indizível de dizer. E que se faça em poema como um caracol ressonante, esvaziada de miado...

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUMS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPICL

MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

## Referências bibliográficas:

LACAN, Jacques. (1962-63). A angústia: seminário 10. 4a edição revisada. Publicação não comercial exclusiva dos membros do CEF do Recife. Ano 2000. Optei por esta versão pela sua precisão tradutiva.

\_\_\_\_\_ (1973). Nota Italiana in Outros Escritos.

Jorge Zahar: Rio de Janeiro:2003.

SOLER, Colette (2012). Seminário de leitura de texto: ano 2006-2007: Seminário A angústia de Jacques Lacan: Escuta: São Paulo.